

**SOBRE ESCRITA EM GEOGRAFIA OU AQUILO QUE EU GOSTARIA DE
DIZER PARA ESTUDANTES QUE ACUMULAM SOBRAS E EXCESSOS**

ABOUT WRITING IN GEOGRAPHY OR WHAT I WOULD LIKE TO SAY TO
STUDENTS WHO ACCUMULATE LEFTOVERS AND EXCESSES

SOBRE ESCRITA EN GEOGRAFÍA O LO QUE ME GUSTARÍA DECIR A LOS
ESTUDIANTES QUE ACUMULAN AUSENCIAS Y EXCESOS

Victor Dantas Siqueira Pequeno¹

Resumo: Convido o(a) leitor(a) a refletir e a contribuir no debate sobre escrita acadêmica. Para tanto, foi elaborado um percurso teórico fundamentado numa revisão narrativa de algumas obras de pesquisadores(as), escritores(as) e poetas. No que se refere aos argumentos defendidos, utilizei de boa vontade alguns verbos como geografias e ao mesmo tempo como metáforas: brincar, ensaiar, cortar, navegar, resenhar, entre outros. Foram descritas algumas experiências pessoais como possíveis caminhos, pontos de partida e/ou recomeços para aqueles(as) que buscam acolhimento/reconhecimento. Por fim, expressei meu desejo por uma escrita que antes de tudo, é vivida, sentida, tocada e tocante.

Palavras-chave: Escrita Acadêmica; Pesquisa Geográfica; Diários; Cotidiano.

Abstract: I invite the reader to reflect and contribute to the debate on academic writing. To this end, a theoretical path was developed based on a narrative review of some works by researchers, writers and poets. Regarding the arguments defended, I willingly used some verbs as geographies and at the same time as metaphors: play, rehearse, cut, navigate, review, among others. Some personal experiences were described as possible paths, starting points and/or new beginnings for those seeking acceptance/recognition. Finally, I express my wish for one writing that, above all, is lived, felt, touched and touching.

Keywords: Academic Writing; Geographic Research; Diaries; Daily.

Resumen: Invito al lector a reflexionar y contribuir al debate sobre la escritura académica. Para ello, se desarrolló un camino teórico basado en la revisión narrativa de algunas obras de investigadores, escritores y poetas. Respecto a los argumentos defendidos, utilicé de buen grado algunos verbos como geografías y a la vez como metáforas: tocar, ensayar, cortar, navegar, repasar, entre otros. Algunas experiencias personales fueron descritas como posibles caminos, puntos de partida y/o nuevos

¹ Mestrando em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Email: victorpequenogeo@gmail.com. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/8068238340751461>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-3258-8171>.

comienzos para quienes buscan aceptación/reconocimiento. Finalmente, expreso mi deseo por una escritura que, sobre todo, sea vivida, sentida, tocada y tocante.

Palabras clave: Escritura Académica; Investigación Geográfica; Diários; Cotidiano.

Introdução

Manhã de 19 de dezembro de 2023.

Momento um: tomo banho, visto minha roupa. Está garoando. Pego meu guarda chuva e saio de casa.

Momento dois: entro no ônibus e escolho um assento.

*Momento três: ouço o disco *The Gods We Can Touch* da AURORA durante o percurso até a Universidade.*

Momento quatro: me dou conta que esqueci o carregador do meu celular em casa. Apenas 35% de carga.

Momento cinco: me vem à mente a ideia de um texto. Anoto no bloco de notas do celular.

Este texto deriva de sobras. Sobras de ideias, pensamentos, conversas e escritos. Também deriva de excessos. Excessos de ideias, pensamentos, curiosidades e vontades. Como se fosse uma costura. Em qual, cada fio e tessitura conjuga imagens, textos, conceitos, teorias. Geografias.

Já adianto que não me comprometo em estabelecer um raciocínio estritamente convencional de quando se pretende escrever um artigo científico. Não há início, desenvolvimento e conclusão, ainda que eu tenha respeitado a estrutura formal da presente revista. Escrevi e desenvolvi meus argumentos até *onde* achei suficiente.

Para mais, estou confortável em defender que não há um limite ou uma norma jurídica que define *onde* começa e *onde* termina uma disciplina científica. Ainda que insistamos na parcelarização do conhecimento, isso não dá conta da realidade, uma vez que somos atravessados por tudo.

Sendo assim, deixo avisado que fiz uso de teorias distintas conforme meu interesse. Sobre aquelas que não sejam geográficas, justifico-as dizendo que a minha formação intelectual se deu numa graduação em Geografia. Deste modo, ao me dispor a fazer uma leitura de qualquer texto (acadêmico, literário, etc), meu repertório de conhecimentos geográficos é espontaneamente implicado.

Quero aqui estabelecer um diálogo com autores(as) que pensam, refletem e escrevem sobre escrita. Sobre poesia. Sobre a arte-escrita. Sobre a arte-geografia. Tornar este texto como um canal comunicativo e de acolhimento para com outros(as) estudantes

iniciantes na carreira acadêmica. Seja lá o que isso significa para eles e elas. Para estudantes que sentem dificuldades para escrever suas geografias. Por motivos vários.

Trata-se de um estudo qualitativo de caráter exploratório (Gil, 2002) e ensaísta (Larrosa, 2003) fundamentado na pesquisa bibliográfica, mais especificamente, a revisão narrativa, haja vista que minha intenção é sugerir ao leitor(a): “[...] sínteses narrativas, compreensivas, de informação [e assuntos] publicada anteriormente” (Ribeiro 2014, p. 676).

O argumento central é como um convite para escrevermos sobre aquilo que vivemos e sobre aquilo que desejamos viver. Para escrevermos sobre nossos sonhos, paixões, medos, afetos e desafetos. Para que sejamos excessivamente pessoais e parciais em nossas escritas. Para que não descartemos as sobras e os excessos. Para tornar as nossas escritas como extensão do nosso corpo. Uma escrita corporificada. Quanto a problemática... *Quando, onde, sobre o que e para quem* escrevemos nossas geografias?

Por entre geografias, ensaios e navegações

Parece-me sintomático que no território acadêmico se problematize o método e não a escrita. A imagem dogmática do conhecimento e do pensamento oculta que o que fazemos na maior parte do tempo é ler e escrever. E oculta, supondo que já sabemos ler e escrever que: ler não é senão compreender o pensamento, as ideias, o conteúdo ou a informação que há no texto, e escrever não é senão esclarecer o que já se havia pensado ou averiguado, ou seja, o que já se pensa e se sabe [...] (Larrosa, 2003, p. 108).

Concordo. Explicarei os por quês.

Alguns geógrafos e geógrafas como Doreen Massey (2008) defendem que é a vida que anima a teoria. E que vida é essa? O mais adequado, creio eu, seria tratá-la no plural. Vidas. A vida acadêmica, por exemplo. Vida esta qual tenho experienciado e me defrontado com circunstâncias que me fizeram buscar ferramentas para compreender certas questões como, por exemplo, a escrita acadêmica. Por entre percursos teóricos-conceituais, encontrei os textos do professor-geógrafo-poeta Antônio Queiroz Filho, este quem tem pensado e escrito sobre circunstâncias semelhantes.

Em suas palavras,

[...] A vida acadêmica me é algo muito maior do que essas padronizações, repetições, essa produção fabril. Então, o termo “vida acadêmica” não deve estar aí à toa. Essa “vida” precisa ter ânimo mais amplo do que somente a mesmice que tem, entre outras coisas, nos adoecido (Queiroz Filho, 2022, p. 63).

Esse ânimo que o geógrafo sublinha, ao meu ver, é experimentado e garantido quando sentimos e reconhecemos a nossa vontade e desejo por um fazer outro. Uma escrita outra. Quando nos permitimos ao apaixonamento intelectual e criativo.

[...] A vida acadêmica é tão apaixonante exatamente por contemplar esse caráter plural. É por isso que eu sou apaixonado pela vida acadêmica. Esse apaixonamento faz meu processo de escrita contemplar o pleno exercício de liberdade também no que desejo produzir e partilhar, mas principalmente no modo como isso será feito (Queiroz Filho, 2022 p. 63).

Libertar-se, pois, das amarras impostas pelo regime produtivista naturalizado nos diferentes espaços educacionais, e aqui me refiro diretamente às salas de aula da universidade, aos currículos dos cursos de graduação e das pós-graduações, das ementas das disciplinas, dos periódicos científicos e demais circuitos. Regime este que é conivente com processos de violências sutis e/ou explícitas como assédios, autoritarismo docente, racismo, machismo, corrupção, rivalidade entre estudantes e/ou grupos de pesquisa, e adoecimento progressivo das pessoas envolvidas em tais circunstâncias. Libertar-se, pois, para (re)construir um espaço de acolhimento, auto(re)conhecimento e empoderamento individual-coletivo. Liberdade para *expressar-si* e *escrever-si*:

Porque não tenho interesse nenhum com a escrita academicista, no sentido daquela que se veste de toga autoritária. Meu compromisso não é com a verdade, para fazer jus à poética manoesca, referência à Manoel de Barros, poeta das coisas pequenas e dos horizontes esticados. Com ele aprendi a fazer da palavra um brinquedo feito pelas mãos cheias de terra, encravando devaneios pueris nas unhas daquela criança que ainda acredita na sua própria imaginação. Escrita feita de paixão e liberdade. E isso basta (Queiroz Filho, 2018, p. 35).

Assumir a postura de escritor-criança e do escrever-brincar para manusear, saborear e rasurar com palavras-ideias que demandam novos formatos de textos: uma carta, uma poesia, um manifesto ou um ensaio como sugeriu Jorge Larrosa.

[...] O ensaio confundiria ou atravessaria a distinção entre ciência, conhecimento, objetividade e racionalidade, por um lado; e arte, imaginação, subjetividade e irracionalidade por outro. O que o ensaio faz é colocar as fronteiras em questão. E as fronteiras, como se sabe, são gigantescos mecanismos de exclusão [...] (Larrosa, 2003, p. 106).

Num primeiro contato com tal excerto, concluí que as fronteiras as quais o autor menciona são aquelas que qualificam e delimitam, por exemplo, o que é científico e o que é senso comum, o que filosofia e o que é religião. São fronteiras que classificam que tipo de conhecimento científico é ou a que corrente filosófica pertence. Ou, reiterando o argumento do autor, são fronteiras que podem excluir tudo aquilo que não seja científico e/ou filosófico.

Como identificamos tais *fronteiras*? Arrisco responder que as fronteiras (em sentido poético) são dependentes das circunstâncias; são por vezes distintas (em sentido geográfico), o que não quer dizer que não sejam instrumentalizadas e manipuladas por um mesmo agente e/ou grupo, bem como disputada entre agentes/grupos. Ilustro para que possas compreender melhor.

Imaginemos uma sala de aula hipotética de um curso de graduação em Geografia. Um professor pede para a turma elaborar um texto crítico sobre o Projeto Político Pedagógico do Curso e das ementas e bibliografias das disciplinas previstas no currículo. Um determinado estudante decidiu não somente analisar criticamente o respectivo Projeto Político Pedagógico como problematizar a ementa e a bibliografia da disciplina sob responsabilidade do professor solicitante da atividade. No dia da devolutiva das avaliações para com a turma, o mesmo professor ao se dirigir ao estudante mencionado anteriormente, diz o seguinte: “Seu texto foi bem escrito, você realmente fez uma crítica coerente a respeito do PPC, só não concordei de você ter colocado o meu nome em jogo, acho que o foco não era esse”. No sistema de notas é atribuído ao trabalho do estudante uma nota 7,0.

Numa situação como essa, que tipo de fronteira foi ultrapassada e/ou desfeita? Estou convencido de que no caso do estudante, a fronteira desfeita foi aquela que estabelece e diferencia a autoridade docente e a complacência discente. Foi esperado que o estudante agisse como estudante. Em vez disso, o estudante assumiu uma postura crítica para com a ementa e a bibliografia da disciplina do professor que lhe solicitou tal tarefa.

Colocou-se, pois, numa relação de horizontalidade com o professor ao ter colocado o nome dele “em jogo”.

Quantos(as) de nós, graduandos e graduandas, agimos somente como estudantes? Só lemos o texto que é debatido pelo professor(a) em sala; concordamos com todas interpretações do professor(a) sobre o texto, mesmo que tenhamos lido e que tenhamos discordado de vários trechos; não apontamos/problematizamos falas/discursos equivocados e preconceituosos de um professor/professora por medo de ‘ficarmos marcados’, entre outras situações.

E qual foi a fronteira que o professor ultrapassou ao ter reagido de tal forma com o estudante? Aquela que diferencia autoridade de autoritarismo. Se um professor solicita a uma turma um texto crítico sobre o Projeto Político Pedagógico do Curso e as respectivas ementas e bibliografias das disciplinas, mas não quer que sua disciplina seja analisada, e desaprova ou avalia negativamente o(a) estudante que assume tal postura, esse professor está se colocando numa posição autoritária. Isso porque, penso eu, ele se auto-imagina melhor que seus demais colegas de profissão, afinal, é o único professor que consegue identificar as incoerências existentes no currículo do curso e nas disciplinas.

Para além de processos avaliativos didático-pedagógicos, há também aqueles que dizem respeito à produção acadêmica. Ou seja, avaliações demandadas para projetos de pesquisa, ensino ou extensão, trabalhos a serem apresentados em eventos científicos, *workshops*, minicursos, artigos para publicação em periódicos etc.

Recordo-me de uma experiência pessoal. Havia enviado um texto para uma determinada revista científica e recebi um parecer de algum avaliador(a) mais ou menos assim: “[...] trazer os dados e analisar seus impactos o mais imparcial possível, pois o trabalho têm dados importantes e que precisam ser revelados com mais objetividade, e deixe mais de lado afirmações que soem como preferências subjetivas [...]”. A saber, o texto em questão foi fundamentado nas epistemologias feministas negras, especificamente, a prática da *escrivência* proposta por Conceição Evaristo (2020). E sim, havia muitas fragilidades no texto, contudo, não abri (e nem abro) mão da minha subjetividade quando da devolutiva das correções.

De todo modo, meu incômodo diante do apelo do parecerista para eu ser “mais objetivo” encontrou respaldo no texto de Jorge Larrosa que teceu argumentos sobre situações desse tipo:

[...] Não sei se já vivenciaram algo que me acontece com alguma frequência, o de passar um escrito para um colega que, sem saber o que dizer, afirma: “é muito interessante, muito sugestivo!”. Acho muito engraçado o qualificativo vazio de “sugestivo”. Tudo aquilo que não entra no padrão de alguns dos paradigmas reconhecidos, tudo aquilo que não se ajusta às classificações em uso, tudo aquilo que não se sabe o que é e para que serve, é suprimido e ignorado pelo aparente elogio de “sugestivo”. Também se é excluído com o aparente elogio de “está muito bem escrito”, como se dissesse: “não sei o que fazer com o que você escreve, não sei o que pensar, até acho que não serve para nada, mas está bem escrito” (Larrosa, 2003, p. 107).

O geógrafo Edson Abreu (2023) também tem algo a dizer sobre tais eventos por demais hostis que são feitos de um modo de escrita mecanicista:

[...] Muitos dos textos escritos nesse padrão são bons; muito bons até, mas falta-lhes a precisão dos escritores. A escrita se torna quase mecânica: “se o parágrafo está muito longo: quebreo”, “a palavra se repete: substitua-a por um sinônimo”, etc., as orientações do escrever bem tradicional se tornam quase irrefletidas. São muitas regras, tantas ou mais que no escrever ficcional, mas não se refletem verdadeiramente no texto [...] (Abreu, 2023, p. 48).

O argumento em destaque me faz lembrar de outro acontecimento recente. Também a respeito de um parecer sobre um texto que eu havia enviado a uma determinada revista. Nas palavras do(a) parecerista: “[...] atente para o tamanho que está o manuscrito... ultrapassou o limite máximo de 10.000 palavras. Isso quer dizer que você tem o árduo trabalho de “cortar a carne”, alguma parte do texto que se segue [...]”. Fui *lá* e *cortei a carne* conforme solicitado. Mas como na situação anterior, não cortei minha subjetividade.

Suspeito que no primeiro caso a fronteira ultrapassada foi aquela que diferencia o racional do emocional, enquanto que no segundo a fronteira que limita, em termos de quantidade de palavras, a extensão mínima e a extensão máxima de um texto científico.

Em vez de discordar ou contestar os(as) pareceristas (até porque a função do avaliador(a) é justamente avaliar, e considero este, um rito acadêmico que deve ser mantido), me parece mais interessante nos perguntarmos: é necessário ser sempre racional e/ou objetivo? É sempre necessário *cortar a carne*? E se esse trecho cortado for o que mais revela a autenticidade de quem escreveu? Ou melhor, o estilo da escrita daquele(a)? O que fazer a seguir? Utilizá-lo num futuro texto? Guardar no *google* documentos?

Apagar de vez? O que *você* faria? Para um(a) ensaísta, por exemplo, cortar está fora de cogitação. O mais apropriado, contudo, é aprender selecionar:

[...] O ensaio é fragmentário, parcial e seleciona fragmentos como sua matéria. O ensaísta seleciona um corpus, uma citação, um acontecimento, uma paisagem, uma sensação, algo que lhe parece expressivo e sintomático, e a isso dá uma grande expressividade (Larrosa, 2003, p. 111).

Por sermos demasiado objetivos ou por cortar demais nossos textos, perdemos de vista nosso estilo de escrita. O tempero que adoça e/ou apimenta o nosso texto e que atribui um sabor único ao mesmo. Marcante. Não é atoa que a maioria de nós, pós-graduandos(as), enfrentam dificuldades para escrever. Estamos mais preocupados(as) em “escrever certo”, de acordo com as normas exigidas, em vez de preocupar-nos em aprender a escrever. “Geralmente se associa estilo a um bom e/ou famoso escritor. O estilo seria assim o jeito particular daquele escritor de transmitir seu conteúdo. Sim. E não. Estilo é forma. O bom estilo, o êxito do escritor [...]” (Abreu, 2023, p. 47).

Cortemos pouco, selecionemos mais.

Alguns exercícios que podem nos ajudar nisso: elaborar mapas conceituais com palavras-chave que servem como síntese de algum argumento; adquirir o hábito de ler poemas uma vez todo poema é resultado não de uma, mas de inúmeras seleções de palavras, versos e estrofes. Tais exercícios nos fazem entender (também) que o ato de selecionar é um requisito da estética que se faz presente em qualquer texto. George Orwell (2021), aliás, já nos advertiu sobre isso.

[...] O motivo estético é muito tênue em muitos escritores, mas até mesmo um panfletário ou um redator de manuais tem predileção por certos e expressões, que o atraem por razões não utilitárias; ou ele pode ter opiniões fortes a respeito da tipografia, da largura das margens, etc. Acima do nível de um guia ferroviário, nenhum livro [ou texto] é totalmente desprovido de considerações estéticas (Orwell, 2021, p. 13).

Ainda que os argumentos de George Orwell sejam restritos à escrita literária, muito é válido para a escrita científica, principalmente, no que tange às predileções individuais de cada um(a) de nós. Saber selecionar palavras, conjugar verbos, encerrar frases, destacar expressões, utilizar metáforas, enfim, tudo isso são traços expressivos de quem escreveu. São escolhas, oriundas de renúncias.

De forma adicional, eu diria que o conteúdo estético de um texto, as seleções e/ou predileções são conduzidas adequadamente quando o(a) escritor(a) acumula leituras sobre o que se pretende escrever. Se queres escrever um poema, leia poemas. Se queres escrever um artigo científico, leia artigos científicos. A assertiva de que, para aprender a escrever, antes é preciso saber ler, é de todo fatídica.

Dos elogios que Jorge Larrosa (2003) fez ao ensaísta, um dos, é justamente o hábito de leitura que o(a) ensaísta, cotidianamente, coloca em prática.

Para o ensaísta, a escrita e a leitura não são apenas a sua tarefa, o seu meio de trabalho, mas também o seu problema. O ensaísta problematiza a escrita cada vez que escreve, e problematiza a leitura cada vez que lê, ou melhor, é alguém para quem a leitura e a escrita são, entre outras coisas, lugares de experiência, ou melhor ainda, é alguém que está aprendendo a escrever cada vez que escreve, e aprendendo a ler cada vez que lê: alguém que ensaia a própria escrita cada vez que escreve e que ensaia as próprias modalidades de leitura cada vez que lê (Larrosa, 2003, p. 108).

Mas engana-se quem acredita que ler é somente a predisposição ou a habilidade cognitiva de saber decodificar letras e/ou símbolos e atribuir a elas uma qualidade, significado, etc. Ou ainda, quem acha que ler é somente passar os olhos (ou as mãos) pelas letras e frases dispostas num texto. Ler é sobre abertura ao novo, ao desconhecido. É sobre embrenhar-se e demorar-se nas palavras, frases. É sobre criar imagens daquilo que leu. É sobre deixar-se ser tocado(a) sinestesticamente por aquilo que leu. Muito mais que concordar e/ou discordar, ler é sobre sentir. Devir.

Ler para escrever (também) denota uma relação corpo-espaco-tempo. Qual lugar você se sente mais confortável para ler/escrever? Seu quarto? O quintal de sua casa? A biblioteca da Universidade? O laboratório de pesquisa? Qual período do dia você sente mais disposição para ler/escrever? Manhã, tarde ou noite? Qual paisagem e ambientação te sensibiliza mais no momento da leitura/escrita? Numa manhã fria, sozinho(a) no laboratório e acompanhado(a) de um xícara de chá ou chocolate quente? Ou numa noite/madrugada, sentado(a) na mesa de estudos do seu quarto e acompanhado(a) de uma xícara de café e sentido o aroma do incenso aceso?

Evidentemente que tais condições materiais são acessadas por um grupo restrito de escritores(as). Nem todo(a) escritor(a)-estudante-trabalhador(a), por exemplo, se

permite ou dispõe do luxo/privilégio de escolher o melhor local e/ou horário para ler/escrever. Lê e escreve *onde dá e quando dá*.

Outrossim, o ritmo temporal da leitura e da escrita, diferente de tudo aquilo que estamos acostumados(as) a sermos orientados(as) por nossos mestres(as) e doutores(as), por exemplo, no âmbito acadêmico, não devia (não deve) seguir a risca o tempo cronológico, mas sim, levar em consideração o tempo fisiológico, ou seja, as condições/estados do nosso corpo (fisiologia, emoções, disposição, cansaço, ociosidade). Sugiro, pois, que recusemos a pressa para ler e escrever sempre que possível.

[...] o leitor acadêmico é aquele que sempre tem vontade de ler, porém nunca tem tempo para ler, simplesmente porque não pode chamar de “ler” a esse deslizar apressado pelos textos obrigatórios, do ponto de vista da apropriação. O acadêmico é aquele que lê por obrigação e, ao mesmo tempo, aquele que lê julgando o que lê, colocando-se a favor ou contra, mostrando seu acordo ou desacordo, dizendo sim ou não. O espaço acadêmico esqueceu a lentidão da leitura, a delicadeza da leitura, essa forma de tratar o texto como uma força que nos leva além de nós mesmos, além do que o texto diz, do que o texto pensa ou do que o texto sabe (Larrosa 2003, p. 108-109).

A pressa da entrega de algum trabalho final de uma disciplina. A pressa de enviar o resumo expandido no último dia de inscrição daquele evento da nossa área que, infelizmente, esquecemos dos prazos. A pressa de entregar o texto de qualificação da dissertação ou da tese, que não concluímos por condições emocionais, fisiológicas e/ou materiais, em vez de solicitar a prorrogação de prazo por justa causa. Enfim, são tantas situações que ilustram o quanto a academia (e aqui faço uma acusação direta aos cursos de Pós-Graduação) vem tornando-se cada vez mais o império da “produtividade”. Pela pressa da nota Capes 7, do Qualis A1, do aumento das páginas do *Lattes*, fazemos de tudo. Negligenciamos os cuidados com nossa saúde, sacrificamos nossas relações interpessoais, colocamos nossos nomes em textos nos quais não tivemos participação alguma, etc. *Network* acadêmico como eles(as) dizem. Interessante.

Da pressa atrelada ao exercício da escrita, a nossa preocupação e intenção principal é sermos diretos, breves, “objetivos” nos nossos textos. Não estou com isso afirmando que ser breve e direto seja algo ruim. Há uma diferença prático-conceitual entre pressa e brevidade. É possível sim sermos breves em nossas escritas. Ir direto ao ponto “sem arrudeios”. Não é porque um texto é breve que seu conteúdo seja superficial. Mas

a lentidão, um texto “longo” também não é de todo ruim. Ambas posturas deveriam (devem) ser encaradas como efeitos do nosso estilo de escrita. Em outros termos,

[...] Não que a lentidão seja ruim, dizer muito com muito é inteiramente válido; pouco com muito é de todo um crime para com o leitor; crime recorrente na ciência [...] A brevidade ou lentidão de um texto estão, muitas vezes, relacionadas com a brevidade ou lentidão com a qual ele foi feito de modo inversamente proporcional; quando se diz pouco com muito provavelmente se escreveu com pressa (Abreu, 2023, p. 53).

Novamente o argumento de George Orwell se faz útil. Brevidade e lentidão são também índices qualitativos que expressam a estética de um texto. Brevidade ou lentidão denota o estilo de escrita do(a) autor(a). Por isso reitero: nem sempre “ser objetivo” ou “cortar a carne” é necessário.

Prosseguindo no encerramento desta seção, alguns questionamentos me são fecundos para desenvolver a seção seguinte. Do/da geógrafo(a)-poeta que brinca com as palavras para o/a pesquisador(a)-ensaísta que desfaz as fronteiras do saber. E por que não considerarmos (também) a postura do escritor-navegante?

Escrita descrita, escrita da pesquisa, portanto, é discurso, é criação de seu autor a recriar a realidade em foco. Mas é uma criação que apresenta especificidades a serem reconhecidas, e talvez sua marca primeira seja o fato de que antes de seu início é possível desenhar um projeto, um rascunho que serve de alinhavo para a costura a ser tecida. É possível delimitar, de saída, uma pergunta-guia e também alguns pontos da carta de navegação que permitirão ao escritor atravessar os mares de palavras possíveis até a ilha almejada, sem se perder pelo caminho, sem enveredar por desvios anunciados pelo canto de sereias/palavras que buscam seduzir para outros portos [...] (Zanella, 2013, p. 120-121).

E por que não se perder no caminho? Deixar-se naufragar no mar de palavras? Quem sabe, não encontramos uma nova ilha? Um novo continente? Aliás, se o nosso texto é como uma ilha, um continente, ou seja, um terreno aparentemente estável, mas que na verdade é dinâmico e está em constante desenvolvimento, estou convencido de que nossa escrita seria como as forças energéticas que nutrem tal terreno e lhe assegura condições de existência. Uma analogia que me parece motivação suficiente para:

[...] Permitir-se a aventura, o encontro com o imprevisto, seguir o turbilhão de encantamento e deixar os dedos tilintarem nas teclas registrando as palavras/imagens visuais que preenchem a tela supostamente vazia do computador. Deleite, por certo, arrebatamento, sem dúvida (Zanella, 2013, p. 123).

Naufraguemos, pois, em mares desconhecidos.

Terminada a costura dos argumentos e das metáforas elaboradas por cada contribuinte e que foram indispensáveis no percurso teórico-conceitual por mim desejado, a seguir, mergulho em escritos de experiências pessoais para compor um coral de ideias e alternativas didático-pedagógicas. Coral este intitulado “Diários de um migrante”.

Diários de um migrante: amores, ideias, sonhos e desafios

A minha primeira experiência com a escrita ocorreu em 2020. Ano da pandemia Covid-19. Quando da interrupção das atividades acadêmicas presenciais, decidi trancar o meu curso, haja vista que na época não me sentia saudável emocionalmente para dar continuidade às atividades em razão de dificuldades familiares e financeiras.

Morava sozinho numa kitinete em um bairro da periferia da cidade. A experiência da quarentena por inúmeras vezes me deixou angustiado devido ao tanto de tempo disponível que eu tinha e que eu não “fazia nada”. Passava a maior parte do dia deitado na cama assistindo séries de TV, vídeos no *YouTube*, etc. Qualquer distração para me manter “fora de área”. Decidi então comprar livros pela plataforma de *e-commerce Amazon*. A cada mês comprava de 10 (dez) a 15 (quinze) livros. Lia um a cada três dias. O acúmulo dessas leituras me motivaram a criar uma conta numa rede social de leitores(as) chamada *Skoob*. Passei a registrar minhas opiniões sobre os livros lidos em forma de resenhas e atribuição de estrelas (de 1 a 5 estrelas). Tais resenhas eram escritas primeiramente no programa *Wordpad* do meu computador, em seguida, eu sintetizava o texto para postar na minha conta do *Skoob*. Vários leitores(as) começaram a reagir positivamente às minhas resenhas. Fiz disso meu novo *hobby* durante a quarentena (vide a pandemia Covid-19).

Meses depois, mais especificamente em dezembro de 2020, decidi ampliar/reforçar esse hábito e comprei um diário. Considero tal experiência como o segundo estágio de aprimoramento da minha escrita. Iniciei o ano de 2021 registrando a rotina do meu dia a dia. Concomitantemente, seguia escrevendo e postando resenhas de livro no *Skoob*.

Em abril de 2021 retomei o meu curso (no formato remoto), depois de ter trancado por um ano. Tive que renunciar às leituras de alguns livros de literatura para dar conta

das leituras dos textos das disciplinas do semestre. Mantive o hábito de escrever no meu diário. Dentre os acontecimentos que marcaram o primeiro semestre letivo de 2021, gostaria de destacar:

12 de maio de 2021. [...] Ontem, eu também decidi que vou escrever e defender minha monografia neste ano. Decidi priorizar isso já, pois pretendo fazer meus dois estágios ano que vem. Na esperança de que no próximo ano, não estaremos em Pandemia e nem em ensino remoto. Outra novidade é que decidi solicitar a prof^a Ana Karênina² para ser minha orientadora neste processo. Dentre os professores que já orientaram sobre a temática escolhida por mim, ela é a que mais confio e tenho admiração. Vou seguir meu coração. Irei fazer minha monografia na área de ensino de Geografia [...] (Diário pessoal do autor, 2021).

Um dos momentos mais marcantes na trajetória de um(a) graduando(a) é a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso. O famigerado TCC. Observe que no trecho em destaque a afetividade é a única motivação para escolher o tema da pesquisa e a professora orientadora. Que tenhamos coragem suficiente para assumir o protagonismo quando da elaboração do nosso TCC. Que consigamos estabelecer uma relação horizontal com nosso(a) orientador(a). Que este momento da nossa trajetória torne-se uma lembrança positiva. Que quando fomos contar para alguém sobre como foi nossa graduação, que a experiência do TCC seja contada de forma alegre, com orgulho e gratidão, e que não seja uma memória que representa dor, hostilidade. A criação do meu TCC foi, pois, o terceiro estágio de aprimoramento da minha escrita.

Para tanto, foi necessário uma renúncia. O adiamento da execução dos estágios supervisionados. Se *você* que está lendo o presente manuscrito foi um(a) dos(as) milhares de graduandos(as) que prosseguiu com suas atividades de forma remota, e especialmente se seu curso é uma Licenciatura, sabe quão difícil foi o processo de readaptar os estágios para o ambiente virtual. Ouvi várias queixas e desabafos de colegas de profissão sobre tal questão. A sobrecarga de leituras, a dificuldade em conseguir o aceite de alguma escola para realizar o estágio, a ausência de diálogos com o(a) professor(a) regente, a evasão escolar e a dificuldade em estabelecer vínculos com a turma, etc.

Felizmente, atualmente contamos com o compromisso de geógrafos(as) que têm se dedicado a estudar os efeitos da Pandemia Covid-19 não somente nas salas de aulas

² Todos os nomes mencionados são fictícios para preservar a identidade da pessoa.

das escolas, como nos graduandos(as), ou melhor futuros(as) professores(as), que tiveram seu contato com as escolas na condição de estagiários(as) justamente no período correspondente ao de isolamento social e ensino remoto. Pesquisas como as de Ivaneide Santos e Carlos Ferreira (2023), Anderson Santos e Raimundo Sobrinho (2023), Jocerlan Silva e Maria Buriti (2022), Gilcileide Silva, Adriana Almeida e Ana Luiza Marques (2022), Patricia Schatz, Rafaela Silva e Ana Paula Chaves (2022) e tantas outras, foram (e são) contribuintes no fomento de discussões teóricas e alternativas didático-metodológicas frente aos desafios e dificuldades em várias circunstâncias do ensino de Geografia durante o período pandêmico.

Se as aulas online mostravam-se como uma possibilidade para a não interrupção do ano letivo, os desafios derivados dessa alternativa surgiram a todo o momento, para além das estratégias metodológicas propostas. Logo de início ficou perceptível que as aulas online não substituem as experiências presenciais que o ambiente escolar proporciona, como a interação entre professores e estudantes. Nesse formato virtual, o contato e o entrosamento entre alunos e docentes é limitado por questões que vão desde o constrangimento com a abertura de câmeras e microfones, até mesmo circunstâncias técnicas e estruturais, que envolvem o ambiente domiciliar não apropriado para os estudos, a disponibilidade de equipamentos ou a qualidade de conexão à internet (Schatz; Silva; Chaves, 2022, p. 8).

No ano seguinte, em 2022, iniciei o meu último ano de Graduação. Como registrado anteriormente, a minha dedicação e atenção foi direcionada para cumprir os dois estágios supervisionados, uma vez que eu tinha adiado o estágio nº 1 referente ao Ensino Fundamental II. Dei início às atividades no dia 2 de maio de 2022. Escolhi uma escola que ficava aproximadamente três quilômetros de distância da minha casa. O motivo da escolha foi que tal instituição contava com Ensino Fundamental II e Médio, ou seja, não haveria a necessidade de procurar outra escola para executar o estágio nº 2. Escolhi a orientação da professora Adele pelo fato do seu regime de trabalho incluir as turmas do Ensino Fundamental II e Médio.

As primeiras idas à escola foram dedicadas a cumprir um dos requisitos do relatório final de estágio supervisionado, qual seja, a observação das turmas e da estrutura da escola. Nosso professor-orientador dos estágios do curso de Licenciatura em Geografia, nos orientou a utilizarmos um caderno para registrar nossas impressões. Em outras palavras, um diário de bordo. Tal tarefa consistiu na minha quarta fase de aprimoramento da escrita.

09 de maio de 2022/Observação: Aula nº 10 / Hora: 07:50 - 08:40 / 08:40 - 09:30 (Dois tempos). Primeira vez numa turma de 3º ano. Fui apresentado à turma pela professora Adele, em seguida, escolhi um assento para mim na fila do canto direito da parede. A conversa inicial foi sobre a confecção de camisetas das turmas dos 3º anos da escola. Uma tradição comum em várias escolas do Brasil. Minutos depois, a professora concedeu licença para um grupo de estudantes de outra turma de 3º ano que vieram falar sobre os jogos de interclasses que irão ocorrer na escola nas próximas semanas. Após isso, a turma foi avisada pela merendeira sobre o lanche. [...] (Diário pessoal do autor, 2022).

2 tempo de aula. A professora retornou à sala e iniciou uma conversa com a turma sobre um estudante da turma que apresenta o diagnóstico de autismo. O mesmo não estava na sala nesse momento, e sim no pátio com a auxiliar. Creio que a pedido da professora para evitar constrangimentos. A professora relata para a turma que o respectivo estudante tem apresentado dificuldade para interagir e conviver em grupo. A devolutiva da turma foi a de que o estudante costuma ficar perseguindo algumas meninas da turma, e por isso, a turma evita conversar com ele. A professora Adele disse que não sabia desse fato e que iria relatar para a coordenação e pedir alguma orientação do que fazer. Uma estudante que está sentada no fundo da sala grita que é preciso chamar a polícia [...] (Diário pessoal do autor, 2022).

Aquele não foi o único estudante PCD (Pessoa com deficiência) que eu tive contato durante os meus estágios. Numa turma matutina de 2º ano do ensino médio, conheci um estudante cego e um estudante cadeirante. Minha crítica, portanto, não é exclusiva ao estudante autista, mas a todos e todas estudantes PCD matriculados(as) nas escolas públicas de todo o país.

Perorro um raciocínio diferente do que é costumeado ser dito e/ou escrito: que a falta recursos e investimentos na educação pública; que é preciso fomentar e investir na formação continuada de professores(as); que o projeto político pedagógico de qualquer escola pública deve prever as condições desiguais (socioeconômicas) entre estudantes e suas respectivas famílias, bem como prever que todo(a) estudante apresenta um ritmo de aprendizagem particular em razão de suas habilidades cognitivas, físico-motoras, emocionais, etc. Sim, tudo isso é importante. Mas gostaria de fazer uma crítica por outro viés.

Se vivemos numa sociedade em qual o poder disciplinar (Foucault, 2015) orienta as relações socioespaciais e classifica as pessoas em corpos normais e corpos anormais;

se vivemos numa sociedade regulada e estruturada por um arranjo de necrobiopolíticas³ (Bento, 2018) que classificam as pessoas como matáveis e não matáveis, humanos e não-humanos, qual a contribuição/importância que a instituição escolar apresenta para efetivação de tais processos perante corpos discentes PCD? Ou melhor, em que perfil a instituição escolar se adequa quando do tratamento para com corpos PCD? Disciplinadora? Punitiva? Agressora? Indiferente para com as diferenças?

A quinta fase de aprimoramento da minha escrita ocorreu em terra estrangeira. Em 28 de janeiro de 2022 recebi a notícia da minha aprovação para realizar uma mobilidade internacional durante três meses na Facultad de Geografía de la Universidad de La Habana em Cuba. Minha viagem ocorreu no dia 30 de agosto de 2022. O projeto de pesquisa que me concedeu tal oportunidade consistiu em analisar as centralidades urbanas existentes no Centro Histórico da capital cubana. Assim sendo, realizei vários trabalhos de campo entre os meses de setembro e novembro de 2022 nas *calles* de Habana Vieja em posse do meu diário de bordo e de uma câmera fotográfica para registrar tudo aquilo que eu achasse importante para o relatório da pesquisa. Alguns registros foram imprevisíveis.

27 de setembro de 2022 - Noite. [...] Na segunda-feira todos(as) os(as) estudantes foram orientados(as) a permanecer em quarentena na residência estudantil devido ao ciclone que agora se tornou o Furacão Ian. Eu, o Flávio e sua mãe tivemos que baixar para o piso 8 do prédio como forma de nos protegermos dos possíveis impactos do furacão. Fui ao centro de Vedado pela manhã comprar doces, bolo e banana para comer durante esses dias de quarentena. Às 17h já tinha me instalado no quarto do Piso 8. O apartamento é ocupado por outros estudantes estrangeiros, em sua maioria angolanos(as). Trocamos apenas cumprimentos formais. O furacão adentrou o território cubano nessa madrugada às 2:00 horas. Os ventos com velocidade de 110 km/h tomaram conta da cidade durante todo o dia. O maior impacto foi na parte oeste da Ilha na cidade de Piñar del Río. Houve desabamentos de árvores, casas, inundações. O dia foi de tensão extrema na residência. O furacão está se deslocando para os EUA. Felizmente, a previsão é que amanhã (quarta) a situação já se normalize. Enquanto isso, permanecemos em quarentena. Nesse momento estou escrevendo à luz da lanterna do celular. Desde cedo que não temos energia. Agora

³ Conceito elaborado pela socióloga-feminista branca-brasileira Berenice Bento. Derivado dos conceitos de Necropolítica do cientista político negro camaronês Achille Mbembe, e do conceito biopolítica desenvolvido pelo filósofo branco francês Michel Foucault, o Necrobiopoder consiste num: “[...] conjuntos de técnicas de promoção da vida e da morte a partir de atributos que qualificam e distribuem os corpos em uma hierarquia que retira deles a possibilidade de reconhecimento como humano e que, portanto, devem ser eliminados e outros que devem viver” (Bento, 2018, p. 7).

são 22:10. Estava até a pouco conversando com o Flávio e sua mãe [...] (Diário pessoal do autor, 2022).

Nem sempre as impreviões no desenvolvimento de uma pesquisa são de todo prejudiciais. Às vezes, são experiências que nos transformam de forma única. A experiência do furacão Ian durante minha estadia em Havana foi, com certeza, a mais marcante no que tange a solidariedade, coletividade e a resiliência social diante de tragédias ambientais. Naquela semana todos(as) nós éramos cubanos(as).

Finalmente, a sexta fase de aprimoramento da minha escrita teve início em março de 2023 e segue em andamento desde então. Me refiro aqui ao meu ingresso na Pós-Graduação em Geografia em uma Universidade Federal da região Sul do Brasil. Das reuniões com meu orientador, das discussões ocorridas nas disciplinas cursadas e das relações de convivência com demais professores(as) e discentes, algumas questões e dificuldades de ordem pessoal vieram à tona. Questões e dificuldades que implicaram na mudança do meu projeto de pesquisa por três vezes seguidas. Situações envolvendo atos racistas, xenofóbicos, machistas, discursos sobre meritocracia e corrupções agenciadas por professores(as) e que favoreceram determinados(as) estudantes em vez de outros(as). Falar, desabafar, contestar e/ou reivindicar foram medidas que infelizmente não surtiram o efeito necessário para responsabilizar tais pessoas. Não restou outra alternativa senão escrever. Registrar tudo. E no momento mais adequado, expor tais ocorridos. O presente manuscrito foi uma das táticas consideradas. Um alerta para quem está de fora e quer entrar. Uma acolhida para quem já viveu ou está vivendo circunstâncias semelhantes.

06 de setembro de 2023. Não estou mais conseguindo esconder meus incômodos e minhas angústias em relação ao meu Programa e suas políticas meritocráticas. Não consegui a bolsa. Novamente. [...] Ontem o professor Michel chegou no laboratório à tarde bem na hora que eu estava conversando com a Virginia. Aparentemente estava agoniado e com os olhos vermelhos (raiva ou choro?) [...] Perguntei o que tinha acontecido e ele me disse “Todos conseguiram a bolsa, menos você e a Dandara, os últimos da lista e ambos do meu laboratório”. Ouvir aquilo doeu muito, mas tentei disfarçar com um falso sorriso “Ah, professor Michel mas isso acontece, não temos controle sobre tudo, fazer o que né?!” Na hora, pareceu que eu havia decepcionado-lhe. Fiquei envergonhado [...] (Diário pessoal do autor, 2023).

Vivemos num país em qual a carreira acadêmica é valorizada segundo a área. Aquela que apresentar resultados mais condizentes com os interesses do Estado, das

empresas e demais agentes, garantirá sucesso e um futuro brilhante. E quais interesses são? Grosso modo, acúmulo de riqueza. Nesse caso, qualquer pesquisa que consiga o mínimo de retorno financeiro para os cofres e/ou bolsos dos(as) empresários(as) seus criadores(as) serão muito bem elogiadas e recompensadas com bolsas de estudos, oportunidade de intercâmbio e/ou estágio, equipamentos, etc. Esse cenário, que não é hipotético e nem fantasioso, é o cenário em qual pesquisas relacionadas às Ciências Sociais, Humanas e Educação são fiscalizadas, desvalorizadas e sucateadas. E isso começa desde a base, qual seja, o ensino básico.

A competitividade e a corrupção entre pesquisadores e pesquisadoras vinculados a tais áreas é como um sintoma, um efeito colateral das decisões tomadas por aqueles(as) que estão no topo da cadeia (leia-se Ministério da Educação, parlamentares, instituições de financiamento de pesquisa, etc). Num país utópico, em que todas as ciências são reconhecidas e valorizadas de igual forma, a bolsa de mestrado ou de doutorado seria um direito garantido a ser acessado por todos(as) sem precisar de processos de seleção. Num país como o Brasil, ocorre o contrário.

Infelizmente, esse quadro se agrava quando pós-graduandos(as) tomam a difícil decisão de abandonar o seu sonho de concluir o mestrado ou o doutorado por não terem conseguido a bolsa e assim não conseguirem se manter dentro da universidade. A evasão nas Pós-Graduações de todo o país é um projeto político neoliberal que tem dado certo.

Se você que me lê, está atualmente desenvolvendo sua pesquisa de mestrado ou de doutorado e não conseguiu a bolsa (que não somente lhe garante segurança, estabilidade, como reconhece o seu trabalho prestado à sociedade, afinal, mestrado e doutorado são trabalhos) gostaria de lhe dizer que sinto muito. Que esta dificuldade não impeça você de usar sua escrita para realizar seu sonho de tornar-se mestre(a) ou doutor(a). Que esta dificuldade potencialize e transforme sua escrita como um canal de acolhimento para demais estudantes.

No fim das contas, esta foi a minha principal motivação/intenção com este texto. Fazer da minha escrita um canal, uma ponte ou qualquer outra metáfora que você queira atribuir, para pesquisadores(as) que além das sobras e excessos, acumulam, sobretudo, experiências de dificuldades e resiliências. E que sorte a minha poder ter contribuído nesse movimento. Sigamos!

Considerações finais

*You are part of the dawn where the light comes from
the dark
You're a part of the morning and everything matters
Here we are, an atom and a star
You're a part of the movement and everything
matters
AURORA - Everything Matters*

E se usássemos (também) a Geografia como metáfora? Ou melhor, se fizéssemos da nossa escrita uma metáfora para a Geografia? Escrita como Geografia. Escrever como geógrafo.

Creio que, em parte, o objetivo deste texto foi evidenciar situações e experiências que fossem capazes de minimamente contemplar tais questões-sugestões. Fazer da escrita um lugar e/ou paisagem, conjugar verbos de ação como se fossem territórios, e articular ideias como se fossem fronteiras recíprocas. Para tanto, nossa coragem para desejar, reivindicar e organizar um saber-fazer científico fundamentalmente holístico e eticamente político-afetivo. Uma escrita, ou melhor, escritas e escritos em constante abertura/expansão.

Quando iniciei esse texto com a descrição de uma situação trivial como a experiência de utilizar o transporte público para se locomover da minha casa até a Universidade, foi para fazer coro e reiterar a minha posição de que só escrevemos aquilo que sentimos, vivemos, ouvimos, tocamos e somos tocados. Ideias criativas e inventivas podem sim surgir durante um percurso de ônibus. Podem, também, surgir durante um banho quente numa noite fria. Durante uma caminhada pelo parque. Durante um encontro com amigos ou parceiro/a sexual. Após assistir um filme e/ou documentário, ou ainda, após ler um livro ou escutar um disco. Enfim, ideias para escritas e escritos mediados pela vida.

Contrário a tudo isso, a obscuridade científica que fomenta pesquisas sem nenhuma auto-responsabilidade social e auto-reflexividade. Por vezes, uma escrita científica que incorre em simplificações e generalizações por demais equivocadas, excludentes e violentas, a depender da matriz discursiva da qual são derivadas. Por vezes, uma postura acadêmica que preza por uma produtividade de “excelência”, mas que na verdade retira o adjetivo pesquisa e substitui por mercadoria: mercadoria científica. Um *ethos* e *logos* que implica um mal-estar no/na pesquisador(a); que causa um

distanciamento entre autor(a) e sua obra; que extingue qualquer possibilidade de auto(re)conhecimento naquilo que criamos, beirando a alienação, mas não somente isso.

Duas realidades opostas, mas que seguem coexistindo. Assim sendo, o convite que faço para aqueles(as) que desejam seguir por rotas parecidas com as quais eu tenho utilizado e que tentei ilustrá-las no presente artigo, é: estejamos atentos(as) e curiosos(as). Atenção para com nosso olhar, nosso ouvir, nosso tocar, nosso falar, e sobretudo, para com nosso ler/escrever. Curiosos(as) sobre aquilo olhamos, ouvimos, tocamos, falamos, lemos e escrevemos. Tornando isso um rito ou ritual do nosso trabalho intelectual, torna-se mais fácil apreciar as aberturas que virão à tona. Quão longe conseguimos ir? Quão perto queremos estar? Quão criativos(as) queremos ser? E quantas geografias ainda queremos viver?

Por enquanto, para (não) encerrar... Escrever é um ato de coragem. Mais que isso, liberdade! E como canta a AURORA no trecho destacado na abertura dessas considerações: *You're a part of the movement and everything matters.*

Referências

- ABREU, Edson. Notas sobre a escrita científica e a literatura. **Ensaios de Geografia**, v. 10, n. 21, p. 43-57, 2023.
- BENTO, Berenice. Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação? **Cadernos Pagu**, n. 53, p. 1-16, 2018.
- EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, p. 27-45, 2020.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução: Roberto Machado. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação & Realidade**, v. 28, n. 2, p. 101-115, 2003.
- MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: Uma nova política da espacialidade**. Tradução: Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

ORWELL, George. **Por que escrevo**. Tradução: Claudio Marcondes. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2021.

QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos. **Corporema - por uma Geografia Bailarina**. Vitória: Antonio Carlos Queiroz Filho, 2018. v. 1. 378p.

QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos. Uma carta para mainha: sobre (minha) vida acadêmica - poéticas do desaprender e suas exclamações, interrogações e reticências. In: OLIVEIRA, Aldo Gonçalves de.; GIORDANI, Ana; QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos; TONETTO, Élide Pasini. (Orgs.). **Linguagens do desaprender, gestos intensivos e política dos afetos**. Porto Alegre: Evangraf, 2022, p. 51-82.

RIBEIRO, José L. Pais. Revisão de investigação e evidência científica. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 15, n. 3, p. 674-682, 2014.

SANTOS, Anderson Felipe Leite dos; SOBRINHO, Raimundo da Paz. O estágio supervisionado em Geografia no Ensino Remoto: como estagiar em tempo de pandemia e isolamento social. **Revista Tamoios**, v. 19, n. 2, p. 242-264, 2023.

SANTOS, Ivaneide Silva; FERREIRA, Carlos Lima. Estágio supervisionado em Geografia em forma de oficinas pedagógicas: reinventando as práticas em tempos de pandemia da Covid-19. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 27, p. 1-24, 2023.

SCHATZ, Patricia Volk; SILVA, Rafaela; CHAVES, Ana Paula Nunes. As diferentes linguagens no estágio curricular supervisionado em Geografia durante o período pandêmico. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 26, p. 1-23, 2022.

SILVA, Gilcileide Rodrigues da; ALMEIDA, Adriana Valença.; MARQUES, Ana Luzia Barros Andrade. Estágio supervisionado em geografia: reflexões e experiências no contexto da pandemia da covid-19. **Revista Ensino de Geografia (Recife)**, v. 5, n. 3, 2022.

SILVA, Jocerlan Leite da; BURITI, Maria Marta dos Santos. Reflexões sobre a formação docente no contexto do estágio supervisionado em geografia em um momento pandêmico. **Revista Ensino de Geografia (Recife)**, v. 5, n. 3, 2022.

ZANELLA, Andréa Vieira. **Perguntar, registrar, escrever**: Inquietações metodológicas. Porto Alegre: Editora Sulina; UFRGS Editora, 2013.

Recebido em 01 de fevereiro de 2024.

Aceito em 26 de junho de 2024.

Publicado em 30 de julho de 2024.